

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rothschild Nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

Maria Luiza Tucci Carneiro *

Nada mais oportuno do que o livro de Marcos Chor Maio, neste momento em que o racismo está a solta. Recentemente assistimos por todo o mundo o recrudesimento de preconceitos raciais acobertados por fortes doses de nacionalismo. No Brasil, nordestino ganhou *status* de estrangeiro, com pecha de "indesejável"; enquanto que negros e mulatos são maltratados e violentados no cotidiano urbano, sem oferta de melhores oportunidades de vida. Suásticas são pichadas aqui e acolá, ao mesmo tempo que edições camufladas dos *Protocolos dos Sábios de Sião* são comercializadas em livrarias e bancas de jornais, mantendo a comunidade judaica em constante estado de alerta.

Uma destas edições (Ed. Revisão, 1989), entretanto, nada tem de camuflada. Oficialmente sustenta um tom comemorativo homenageando o centenário de Gustavo Barroso, o mais convicto teórico anti-semita brasileiro. Trata-se da reedição da primeira tradução dos *Protocolos* publicada no Brasil (1936) acompanhada de inflamados comentários daquele líder integralista. Em todos estes textos, há uma prova evidente de que o *uso da mentira* que desfigura os fatos e a identificação do *inimigo objetivo* continuam sendo os meios de ação do anti-semitismo moderno.

Infelizmente não é deste viés que parte o estudo de Marcos Chor Maio, *Nem Rothschild Nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso* que, para não ficar em descompasso com o conteúdo da obra, deveria levar o título de *Nuances do pensamento anti-semita de Gustavo Barroso* englobando apenas os capítulos 2 e 3 (38 pgs.). O capítulo 1 "Anti-semitismo: as idéias de continuidade e de ruptura" e o "Apêndice: o anti-semitismo revisitado" poderiam ser trabalhados como dois textos independentes numa coletânea, talvez, sobre o tema da intolerância. Independente disso, a obra traz sua contribuição à historiografia sobre o racismo.

* Professora Doutora do Depto. de História FFLCH/USP.

Justifico minha crítica: no primeiro capítulo, o autor analisa a versão de Hannah Arendt sobre o anti-semitismo tradicional/moderno e seu modelo da continuidade /ruptura sem fazer, entretanto, uma correlação direta desta sua análise com o pensamento anti-semita de Barroso, objeto de estudos dos capítulos seguintes.

Ao pensar "Gustavo Barroso, um teórico do anti-semitismo moderno" cabe, em primeira instância, discutir as manifestações (teóricas e práticas) deste anti-semitismo no Brasil como fruto do *nacionalismo* manifesto durante o primeiro governo Vargas (1930-1945); assim como conhecer as raízes do anti-semitismo de Barroso (conf. nos induz o subtítulo do livro e do capítulo 3), cuja mentalidade seguiu trilhas muito próximas às ideologias fascistas européias.

E Barroso foi fruto deste "tempo de mutação" da sociedade brasileira que, por sua vez, também vivenciou seu "tempo de modernidade". Seu pensamento, ao meu ver, encontra-se no trinômio *suspeita, vigilância e eliminação* centradas no emprego da *mentira* como forma de deturpação dos fatos. Por outro lado identificamos o uso do conceito de *inimigo objetivo* travestido de *complô secreto internacional*, idéias estas manipuladas tanto pelos nazistas como por Gustavo Barroso.

A proposta do autor – conforme *Apêndice* – é de "abordar teoricamente alguns elementos-chave da concepção totalitária do mundo de Gustavo Barroso" (p. 139). Mesmo que seu propósito não tenha sido de pesquisar em profundidade a história do anti-judaísmo deste teórico integralista, a obra deixa a desejar se pensada a partir do seu subtítulo: *O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*.

O que encontramos no capítulo 3? A análise do livro *O Quarto Império*, editada por Barroso em 1935 e que, apesar de ser uma das mais importantes publicações do teórico integralista, não sintetiza sua visão anti-semita. Lembramos que, do ponto de vista da metodologia da pesquisa histórica e pelo viés da história das mentalidades, torna-se difícil avaliar ou rotular intelectuais com base em uma única obra. Todo pensamento tem uma *trajetória* que vai da gênese à sua cristalização passando por metamorfoses que dão origem à identificação de várias vertentes. No caso de Barroso a concepção totalitária de mundo é *uma* delas.

O lançamento de *O Quarto Império*(1935) simboliza, antes de mais nada, o aprofundamento das teses anti-semitas de Barroso que já existiam. Aliás, alguns elementos desta obra nos remetem ao livro *História do Futuro* (*O Quinto Império*), de autoria do Padre Antonio Vieira no século XVII (não pelo lado da questão anti-semita mas, pela similaridade na construção do tema). Interessante que ambos os pensadores dividem a história da humanidade em "impérios" sucessivos, idealizando uma sociedade futura na qual os

cristãos sobrevivem aos judeus. O modelo de sociedade é, em ambas as obras, formulado pelo cristianismo.

Mas, o que classifica Barroso como um teórico do anti-semitismo moderno é, especificamente, a adoção de uma visão poligenista que concebe a existência de "centros independentes de criação da humanidade, constituídos pelas raças branca, negra, vermelha e amarela". É neste ponto que se encontra, realmente, o ineditismo da análise e da contribuição pessoal (independente de Arendt) de Marcos Chor Maio aos estudos do pensamento anti-semita no Brasil.

Um outro aspecto nos chama atenção no livro de Maio: o de considerar o enfoque anti-semita de Barroso (visto através de *O Quarto Império*) como o mais adequado para se estudar o *modelo da visão historiográfica da ruptura*, uma das leituras teóricas possíveis, segundo o autor, sobre o tema (p. 103). Eu diria que, o *conjunto* das obras de Barroso seria o exemplo mais apropriado para se analisar o anti-semitismo moderno no Brasil; enquanto que o *conjunto* de documentos anti-semitas produzidos pelo Itamaraty nos anos 30 e 40, somaria-se a este conceito configurando a prática do anti-semitismo como instrumento do poder, segundo a visão arendtiana.

Sobre este viés nos defrontamos com os conceitos de *continuidade e ruptura* abordados por Hannah Arendt em sua obra *As Origens do Totalitarismo* e adequados por Maio ao seu tema de estudo. Entretanto, cabe ao autor rever a "rotulação" que faz às obras de Sartre, Norma Cohn (e inclusive às minhas obras sobre racismo/anti-semitismo) como modelos da *continuidade*. Meus estudos se inscrevem nos tempos de longa duração, indispensáveis à percepção das eventuais flexões e rupturas. Daí a constante preocupação em investigar as *raízes* do anti-semitismo enquanto fenômeno dos tempos modernos. Ao analisar a ruptura preocupo-me não apenas com o que chamamos de modernidade (o progresso científico, a verdade das ciências, o debate das idéias filosóficas, a extensão do direito de cidadania às minorias étnicas), mas também com as tomadas de consciência mais amplas, questionadoras das estruturas mentais constituídas pelas visões de mundo herdadas de um passado remoto.

Nem tudo é "mutação". Nem tudo é ruptura total. Para compreender as mudanças, o historiador das mentalidades precisa ter sensibilidade para perceber *permanências e ambigüidades*. E o anti-semitismo, por excelência, é plurifacetado com capacidade para deformar realidades e se metamorfosear.

Concluindo: a obra de Chor Maio é instigante possibilitando novas reflexões e sugerindo temas para outras pesquisas complementares. Ao mesmo tempo é provocante, pois abre um debate conceitual, contribuindo para pensarmos as diferentes vertentes assumidas pela historiografia contemporânea, tão em débito com os estudos sobre o racismo no Brasil.